

RESENHA DE LIVRO

Ramon Cirera, Andoni Ibarra, Thomas Mormann (eds.). *El programa de Carnap. Ciencia, lenguaje, filosofía*. (Barcelona, C.E.L.C./Ediciones del Bronce, 1996), 324pp. ISBN: 84-8300-069-5

NELSON GONÇALVES GOMES

Departamento de Filosofia
Universidade de Brasília
70910-900 BRASÍLIA, DF
BRASIL

gomes@unb.br

Este livro consta de: (a) uma apresentação escrita pelos editores; (b) uma introdução, também pelos mesmos editores; (c) uma tradução espanhola do artigo de Carnap: *On the character of philosophic problems*; (d) dez artigos especializados; (e) um repertório bibliográfico carnapiano. Vale a pena que resumamos os mencionados artigos especializados, antes de uma apreciação geral do livro.

1. C. Ulises Moulines: “Las raíces epistemológicas del *Aufbau* de Carnap”, pp. 45-74. Nesse artigo, Moulines opõe-se à visão que a literatura filosófica consagrou, relativamente ao *Aufbau*. De forma esquemática, tal visão é a seguinte: o *Aufbau* constitui-se na continuação do empirismo dos séculos anteriores e na preparação para o neopositivismo dos anos seguintes. A tese de Moulines é que o *Aufbau* seria o resultado de aspirações existentes no meio filosófico alemão, por ocasião do começo do século XX, e que Carnap não poderia ser classificado trivialmente como empirista, embora não se lhe possam negar as características de um pensador empírico.

Moulines faz uso do método bibliométrico, mostrando a lista dos autores citados no *Aufbau*: os empiristas britânicos clássicos e A.

© *Manuscrito*, 2001. Published by the Center for Logic, Epistemology and History of Science (CLE/UNICAMP), State University of Campinas, P.O. Box 6133, 13081-970 Campinas, SP, Brazil.

Comte não são citados, em absoluto; Kant e os neokantianos (especialmente Natorp) são citados várias vezes; cerca de dois terços das citações têm a ver com filósofos, psicólogos e fisiólogos de língua alemã (de modo especial, Dingler, Driesch, Jacoby, Mach, Natorp, Schlick, Weyl e Ziehen); Frege, Russell e Whitehead são muito mencionados.

Tais dados bibliométricos apenas corroboram a tese de Moulines, cujo esforço maior consiste em provar que o *Aufbau* é uma resposta a filósofos e cientistas que, na época em questão, manifestavam descontentamento com os fundamentos da física do seu tempo e ansiavam por uma nova epistemologia. Sabidamente, o *Aufbau* repousa sobre uma base autopsíquica, a partir da qual erguem-se as construções posteriores, passo a passo, com o auxílio da relação “recordação de semelhanças”. O sistema constitutivo de conceitos que Carnap desenvolve dessa maneira pode ser entendido como um conjunto de regras dadas a um sujeito fictício. A natureza de tal sujeito, Carnap deixa em aberto, evitando compromissos ontológicos. O sujeito pode ser transcendental (à maneira de Kant), ou pode ser uma máquina que execute programas (nos termos de Turing). Dessa forma, o sistema de Carnap ganha um caráter dinâmico, mesmo porque o substrato gestaltista que o inspira, sendo científico, está sujeito a revisões.

Moulines situa o *Aufbau* num contexto de idéias historicamente rico, no qual se destacam empiristas como Mach, mas também neokantianos como Natorp e Helmholtz. Carnap e esse amplo círculo que o influenciou teriam em comum a idéia de formular, *passo a passo*, uma epistemologia, a partir de princípios *a priori* de ordenação. Esse artigo de Moulines ressalta a preocupação *lógica* de Carnap.

2. C. Ulises Moulines: “Un modelo operacional del *Aufbau* de Carnap”, pp. 75-90.

Continuando a linha desenvolvida no artigo anterior, Moulines examina o que seja um observador ideal. Ele mostra que tal entidade

pode ser caracterizada como um autômato, que aprende e que aprende a aprender. O *Aufbau* é um sistema constitutivo, no qual, a partir de uma certa base, com o auxílio de uma relação, são construídos conceitos superiores, definitivamente. A idéia subjacente àquela obra é que enunciados físicos mais complexos podem ser comprovados ou não, através de recurso à citada base. Moulines entende que isso envolve a seguinte condição:

(C) “Se um objeto físico (ou psicológico ou cultural) a tem uma propriedade F , num instante t , então o observador ideal OI tem a experiência eI , com a qualidade q , no lugar L do seu campo visual”. (Pressupõe-se que a ordem das experiências de OI seja homomorfa, relativamente à ordem dos intervalos temporais físicos. Por razões de simplicidade, fala-se aqui apenas de campo visual.)

O sujeito-autômato do *Aufbau* parte do seu próprio fluxo de experiências, fluxo esse que é submetido àquilo que Carnap chama de “quase-análise”: o todo experiencial é subdividido em unidades menores, a partir das quais outras classes e subclasses de experiências são caracterizadas. Moulines critica a relação de recordação de semelhanças proposta por Carnap, na medida em que pretende definir de uma só vez a ordem temporal e a semelhança qualitativa. Para substituí-la, ele sugere uma relação de *precedência temporal* (PT) e uma outra, de *semelhança parcial* (SP), ambas primitivas. Feito isso, os assim-chamados *círculos de semelhanças* podem ser definidos como quaisquer classes c de experiências que satisfaçam às seguintes condições: (1) para todo x e para todo y , se x pertence a c e se y pertence a c , então $xSPy$; (2) para todo x : se x não pertence a c , então não é o caso que para todo y que pertença a c valha: $xSPy$. (1) e (2) estabelecem que um círculo de semelhanças é uma classe máxima de experiências que sejam semelhantes em pares. Acrescentando-se outras condições a (1) e (2), define-se o conceito de *qualidade*.

O artigo de Moulines apresenta o sujeito fictício do *Aufbau* como um ente operativo, que procede segundo regras de quase-análise,

aplicadas sobre um conjunto experiencial. Quando há uma falha, a máquina é reconectada e retorna ao seu fluxo de experiências.

3. Javier Echeverría: “Teoría de los signos em Carnap”, pp. 91-109.

A teoria dos signos contida no *Aufbau* é estudada no artigo de Echeverría, tendo em vista o seu papel na constituição do mundo intersubjetivo. O autor argumenta que haveria um paralelismo entre os níveis das coisas físicas, das entidades psíquicas e dos objetos culturais, de um lado, e os signos, seu significado e sua referência, de outro. Com isso torna-se óbvia a dívida de Carnap, relativamente a Frege.

Echeverría acentua que o *Aufbau* consagra a tese extensional de que não haveria proposições intensionais. Posteriormente, de modo especial em *Meaning and Necessity*, Carnap adota o método da extensão e da intensão, o que, para Echeverría, destrói totalmente a teoria dos signos contida no *Aufbau*. Echeverría não esconde o seu desagrado com esse desenvolvimento carnapiano.

4. Rainer Hegselmann: “La concepción científica del mundo, el Círculo de Viena: un balance”, pp. 111-148.

Esse artigo é, basicamente, uma resposta a Max Horkheimer que, em 1937, atacou o empirismo lógico, acusando-o de perseguir objetivos reacionários. Hegselmann expõe algumas teses centrais do Círculo de Viena, no plano filosófico, para, em seguida, desenvolver uma linha histórico-política de exposição e análise, na qual as teses do empirismo lógico são relacionadas com o ideário político do socialismo. O autor descreve a história do Círculo de Viena e narra sobre as convicções de esquerda representadas por Neurath, Carnap e Hahn, ressaltando a militância política daquele primeiro. Descreve os problemas que vários membros do Círculo tiveram de enfrentar, sobretudo na imigração. Narra sobre o assassinato de Schlick e seus desdobramentos. Por fim, Hegselmann tenta provar que o empirismo lógico é radicalmente antinacional-socialista porque: (1) a sua análise

empírica pode destruir a ideologia nazi; (2) o empirismo desperta o espírito crítico das pessoas, particularmente quanto à linguagem; (3) o empirismo põe em evidência as contradições do nazismo.

5. Josep-Maria Terricabras: “La lógica del *Tractatus* y la construcción lógica de Carnap”, pp. 149-167.

Terricabras compara o *Tractatus* com o *Aufbau* e encontra um importante ponto em comum entre ambos: a tese da extensionalidade. Ele reapresenta a conhecida diferença entre extensão e intensão e lembra que Wittgenstein rejeitava proposições do tipo “*A* crê que *p*”, enquanto que Carnap admitia que elas fossem entidades realmente intensionais, mas tradutíveis a proposições extensionais.

Qual o papel da tese da extensionalidade, no *Tractatus* e no *Aufbau*? Terricabras responde dizendo que, no *Tractatus*, aquele princípio tem um papel filosófico, enquanto que, no *Aufbau*, ele fundamenta a construção carnapiana do mundo. Wittgenstein tem por objetivo descrever o mundo, enquanto que Carnap pretende construir conceitos. Ambos admitem a extensionalidade, mas por razões diferentes.

6. Thomas Uebel: “El fisicalismo en Wittgenstein y Carnap”, pp. 169-191.

Em outubro de 1929, Wittgenstein redigiu um manuscrito (mais tarde publicado como *Philosophische Bemerkungen*), no qual formulou a tese do fisicalismo, de modo embrionário. A linguagem pertence ao mundo físico e suas orações podem ser comparadas com os fatos. Só o que existe no mundo físico pode ser representado na linguagem.

Em 1932, Carnap publicou o seu famoso artigo “Die physikalische Sprache als Universalsprache der Wissenschaft”, afirmando que a linguagem da física é a linguagem da ciência e que os enunciados protocolares, que são fenomênicos, podem ser traduzidos numa linguagem de tipo fisicalista. Ao proclamar tais idéias, Carnap abandonou seu projeto fenomenista do *Aufbau*.

Assim que o artigo de Carnap apareceu, Wittgenstein acusou o autor de plágio. A razão (ou a falta de razão de Wittgenstein) é ainda hoje assunto de debate. Uebel examina esse tópico e conclui que Wittgenstein estava certo ao reclamar precedência, mas que Carnap não copiou o fisicalismo de 1929. Uebel mostra as dificuldades de Carnap, relativamente à verificação intersubjetiva de enunciados, nos termos do *Aufbau*. Ele faz ver que no parágrafo 66 desta última obra, Carnap apresenta um conceito de intersubjetividade que não coincide com aquele dos parágrafos 146-9. Mas, apesar da sua conversão fisicalista, Carnap continuou fiel à noção de protocolo. Uebel conclui daí que Carnap foi menos radical do que Wittgenstein, mas sem ser um plagiador.

7. Ramón Cirera: “El análisis lógico del lenguaje simbólico, según Carnap”, pp. 193-213.

O artigo em epígrafe estuda o papel da filosofia, no livro de Carnap *Die logische Syntax der Sprache*, de 1934. Nessa obra, o autor vê a linguagem como um cálculo, constituído de símbolos, de regras de formação, de axiomas e de regras de inferência. A rigor, seria mais correto dizer que as linguagens são cálculos, pois Carnap entende que podemos construir múltiplas delas, com propriedades diversas. Carnap diverge de Wittgenstein, pois este fala sempre da linguagem e rejeita qualquer metalinguagem.

Cirera explica didaticamente esse desenvolvimento de Carnap, mostrando como ele consegue desenvolver as importantes noções de consequência e analiticidade. em seguida, ele aponta para a estratégia empregada por Carnap para abrir espaço ao discurso filosófico: a distinção entre o *modo formal* e o *modo material* de fala. Mais uma vez opondo-se a Wittgenstein, Carnap entende que *há* enunciados filosóficos: eles são enunciados metalingüísticos, a respeito da *sintaxe* da linguagem científica. A ciência discursa sobre os objetos e a filosofia fala apenas sobre a sintaxe da linguagem da ciência. Ora, tal discurso

filosófico deve acontecer preferivelmente no modo formal de fala (por exemplo, “Lua” designa um objeto) e não no modo material (A Lua é um objeto).

O filósofo, entretanto, não apenas discorre descritivamente sobre a sintaxe da ciência, pois, como Carnap admite, ele pode também fazer *propostas*. Pode, por exemplo, expressar legitimamente uma posição materialista, propondo a construção de certa linguagem que contenha predicados primitivos de caráter físico e não outros. Mas a construção de linguagens alternativas é sempre possível, de vez que nas linguagens não há moral (princípio de tolerância).

Tudo isso leva Cirera a um entendimento muito peculiar de Carnap. Cirera afirma que há espaço para múltiplas concepções filosóficas, neste contexto carnapiano, excluídas, obviamente, construções como as de Heidegger. Diversas concepções filosóficas, segundo Cirera, sempre podem ser entendidas como linguagens possíveis, apresentadas a título de propostas pelos filósofos. Afirma Cirera que a maior parte das concepções filosóficas “interessantes” caberia dentro dos limites dessa concepção sintática.

Para que Cirera mantenha a sua tese, a dificuldade maior são os conhecidos textos de Carnap, tão avessos ao discurso filosófico. Cirera, não obstante, diz que a aversão à filosofia seria coisa dos textos carnapianos *populares* e não do núcleo dos seus livros mais densos. O próprio princípio da verificabilidade é incompatível com o todo da visão carnapiana, de modo que seria legítimo ignorá-lo. Ao fim e ao cabo, Cirera defende Carnap contra o próprio Carnap. Sua construção é engenhosa, sem dúvida, embora historicamente objetável.

8. Thomas Mormann: “El lenguaje en Neurath y Carnap”, pp. 215-241.

O texto de Mormann estuda as concepções de linguagem representadas, respectivamente, por Carnap e por Neurath, mostrando o quão diversas elas são, uma da outra. A partir de 1934, Carnap caracteriza a linguagem como um *cálculo*, em contraposição a Neurath

que vê a linguagem como um *meio universal*, como diz Mormann, seguindo van Heijenoort.

Mormann situa Neurath na mesma linha de Frege, Russell, Wittgenstein e Quine, que afirmam sermos todos nós “prisioneiros da linguagem”. Como meio universal de expressão, a linguagem abarca a rede das suas relações com o mundo. Portanto, se tentarmos descrever tal rede, com o auxílio da linguagem, essa mesma rede de relações estará pressuposta na nossa descrição. Consoante essa linha, tudo o que podemos fazer é elaborar uma sintaxe lógica da linguagem, mas não uma semântica. Neurath, em particular, entendia que a semântica implicava riscos metafísicos e que, portanto, o empirista deveria evitá-la. Ele admitia uma sistematização lógico-sintáctica apenas quando se limitasse a “ilhas da linguagem”, como, por exemplo, a determinados discursos científicos particulares.

Sabidamente, Carnap enveredou por uma linha muito diferente: as linguagens são cálculos e podem ser estudadas através de metalinguagens. Isso torna possível não apenas a construção de sintaxes, mas também de semânticas formais.

O artigo de Mormann apresenta trechos inéditos da correspondência de Neurath a Carnap, na qual a oposição entre as duas visões ganha nítidos contornos. Neurath desconfia da idéia de designação e faz ver a Carnap que o seu gênio calculatório o estaria levando longe demais, aproximando-o do escolasticismo e afastando-o do empirismo. Ao final do artigo, Mormann estende o escopo da sua investigação, falando sobre epistemologia naturalizada e discurso hermenêutico, numa tentativa de conectar esse novo tema com aquela polêmica dos anos 30.

9. Dirk Koppelberg: “Empirismo y pragmatismo en Carnap y Quine”, pp. 243-260.

Koppelberg estuda o modo como algumas teses fundamentais de Quine nasceram da crítica às distinções carnapianas entre o analítico e o

sintético, assim como entre questões internas e questões externas. Tais distinções eram tão importantes para Carnap que ele chegou a tomá-las como irrenunciáveis. A distinção entre o analítico e o sintético, consoante Carnap, teria possibilitado ao empirismo, pela primeira vez na história, a elaboração de uma teoria razoável, a respeito da natureza da lógica e da matemática. Por sua vez, a distinção entre questões internas e questões externas complementa o princípio de tolerância: a escolha de uma linguagem é livre e dá-se por razões externas, sem regras; não obstante, questões de conflito entre teoria e experiência, por exemplo, devem ser resolvidas internamente, consoante as regras da linguagem escolhida, com recurso à observação e a razões pragmáticas.

Koppelberg mostra o quanto Quine deve a Carnap, pois grande parte da sua filosofia resulta de uma contraposição às mencionadas distinções. Como se sabe, Quine constrói uma espécie de holismo, no qual a distinção entre o analítico e o sintético se esvai, na medida em que o conteúdo cognitivo das sentenças e o papel supostamente organizatório das tautologias distribuem-se por todo o sistema. Além disso, Quine rejeita a distinção entre questões internas e questões externas, afirmando que a transformação de um sistema lingüístico, por um lado, e a modificação de enunciados particulares dentro dele, por outro, não se justificam de maneiras fundamentalmente diferentes, na nossa prática epistêmica. Com isso, Quine lança os fundamentos da sua epistemologia naturalizada. Para Koppelberg, o pragmatismo quineano nada mais é do que o holismo associado ao naturalismo.

10. Andrés Rivadulla: “Probabilidad bayesiana, probabilidad frecuencial y la teoría carnapiana de la inferencia estadística”, pp. 261-286.

O artigo contém um histórico da teoria da probabilidade, desde o texto no qual esta expressão apareceu pela primeira vez, em 1713, na *Ars conjectandi*, de Jakob Bernoulli. Explicando as grandes linhas teóricas em probabilidade, o autor discorre sobre a corrente *subjetiva* ou *personalista*, que se opõe à visão *frequencial* ou *objetiva*. A corrente

subjettiva está representada por Bernoulli, Bayes, Laplace, Keynes, Ramsey e outros, que entendem acaso e probabilidade como expressões da nossa ignorância a respeito de certos fenômenos. Tal ignorância pode ser medida através da nossa disposição de fazer apostas mínimas, com respeito à ocorrência ou não daqueles fenômenos. A corrente objetiva, por sua vez, está representada por Robert L. Ellis, Richard von Mises, Hans Reichenbach, Karl Popper e outros. Ela concebe a probabilidade como um *limite* da razão do número de casos nos quais a ocorrência de algo foi observada, pelo número total dos casos possíveis.

No seu livro *Logical Foundations of Probability* (1950), Carnap interpreta essas duas teorias como dois tipos de discursos bem diversos. A probabilidade subjettiva seria uma explicação do conceito de *grau de confirmação* de hipóteses, enquanto que a probabilidade objetiva teria a ver com a noção de *freqüência relativa a longo prazo*. Para distinguir bem um caso do outro, Carnap fala em probabilidade₁ e em probabilidade₂, respectivamente. *Probabilidade₁* seria a probabilidade lógica, enquanto que *probabilidade₂* seria probabilidade estatística. Nesse sentido, os enunciados da probabilidade₁ só podem ser analiticamente verdadeiros ou falsos, enquanto que as sentenças da probabilidade₂ devem ser comprovadas empiricamente.

No mencionado texto de 1950, Carnap pretende reduzir à lógica indutiva a probabilidade₁, ou seja, a estatística teórica. Rivadulla critica o conceito carnapiano de lógica indutiva, dizendo que é confuso, sobretudo no que diz respeito à idéia de *estimação*. De um modo geral, Rivadulla recusa a identificação entre *probabilidade₁* e *grau de confirmação de uma hipótese*. Rivadulla não aborda os trabalhos de Carnap sobre indução escritos após 1950.

Apreciação

El Programa de Carnap é um livro que resulta de um esforço sério, porquanto contém trabalhos originais, redigido por especialistas na

área, com novidades significativas. Infelizmente, há falhas a serem detectadas, de modo especial, um grave erro de tradução e vários erros de revisão. O erro de tradução está no artigo do próprio Carnap (“Sobre el carácter de los problemas filosóficos”). Na página 16 da publicação original desse texto lê-se: “*A thing is a complex of sensations.*” (Últimos itálicos nossos. “On the character of philosophic problems”, in *Philosophy of Science*, vol. I, pp. 5-19, 1934). Não obstante, na página 38 do livro lê-se a seguinte tradução: “Una *cosa* es un complejo de *situaciones*” (últimos itálicos nossos). Como se isso não bastasse, abundam os erros de revisão: “esuela” (p. 60), “pa ralelo” (p. 94), “significad” (p. 105), etc. No título das páginas 245 a 259 consta “Empirismo y Pragmatismo en Neurath y Quine”, ao invés de “Empirismo y Pragmatismo en Carnap y Quine”.

Apesar das imperfeições ora mencionadas, o livro é bom. Ao lê-lo, ganhamos a imagem de um Carnap mais lógico e menos dogmaticamente empirista. Esse texto é uma valiosa contribuição à bibliografia carnapiana.